

ISSN 3085-5624

Eixo Temático 2 - Informação, Comunicação e Processos Tecnológicos.

DINÂMICAS DA DESINFORMAÇÃO NO BRASIL: ESTRATÉGIAS, NARRATIVAS E IMPACTOS***DYNAMICS OF DISINFORMATION IN BRAZIL: STRATEGIES, NARRATIVES, AND IMPACTS***

Camilla de Moura Gomes - Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
camilla.gomes@ichca.ufal.br, <https://orcid.org/0009-0004-3614-0184>

Dilyanne Ferreira Tavares - Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
dilyanneferreira@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0001-7935-4869>

Erick Bruno Ferreira Santos - Universidade Federal da Bahia (UFBA), *erickbruno-
fs10@hotmail.com*, <https://orcid.org/0009-0000-5726-3838>

Juliana Fachin - Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *julianafachin@gmail.com*,
<https://orcid.org/0000-0003-0883-642X>

Ronaldo Ferreira Araújo - Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
ronaldo.araujo@ichca.ufal.br, <https://orcid.org/0000-0003-0778-9561>

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente estudo investiga o fenômeno da desinformação no Brasil, com foco em suas estratégias de disseminação, temas recorrentes e implicações sociais. O objetivo principal foi identificar, na literatura especializada, os elementos estruturantes da desinformação, e analisá-los empiricamente por meio de dados extraídos do dataset da agência de checagem AosFatos. O estudo adota abordagem qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, com base em revisão narrativa de literatura e análise de dados empíricos. Os resultados apontam para a predominância de conteúdos desinformativos relacionados à política, pseudociência, discurso de ódio, inteligência artificial e negacionismo climático, com picos concentrados em períodos de crise sanitária e instabilidade política. A análise revela que a desinformação opera de forma estratégica e sistemática, explorando vulnerabilidades emocionais, cognitivas e culturais. Conclui-se que o enfrentamento desse cenário exige ações integradas de letramento digital, educação midiática e responsabilização de plataformas e agentes disseminadores, além de investigações aprofundadas sobre os fatores psicossociais que sustentam o consumo e a propagação de informações falsas.

Palavras-chave: desinformação. checagem. AosFatos. disseminação digital. política.

Abstract: *This study investigates the phenomenon of disinformation in Brazil, focusing on its dissemination strategies, recurring themes, and social implications. The main objective was to identify the structuring elements of disinformation in the specialized literature and analyze them empirically using data extracted from the AosFatos fact-checking agency's dataset. The study adopts a qualitative, exploratory, and bibliographical approach, based on a narrative literature review and empirical data analysis. The results point to the predominance of disinformation content related to politics, pseudoscience, hate speech, artificial intelligence, and climate denial, with peaks concentrated during periods of health crisis and political instability. The analysis reveals that disinformation operates strategically and systematically, exploiting emotional, cognitive, and cultural vulnerabilities. It is concluded that addressing this situation requires integrated digital literacy, media*

education, and accountability for platforms and disseminators, as well as in-depth investigations into the psychosocial factors that support the consumption and spread of false information.

Keywords: *disinformation. fact-checking. AosFatos. digital dissemination. politics.*

1 INTRODUÇÃO

O estudo apresenta questões em torno do cenário da desinformação. A qual permeia as fake news, infodemia e pós-verdade. As fake news são resultantes da fabricação de notícias e informações falsas, enquanto a infodemia é vista como a proporção com que certas notícias falsas atingem, como uma ‘pandemia de fake news’, e a pós-verdade, por sua vez, se refere à crença, no qual o sujeito crê que uma mentira, ao parecer verdade, se torna uma verdade absoluta, que só acontece no imaginário de quem a toma para si, mesmo com a comprovação de sua falsidade a crença não deixa de existir (Fachin; Araújo; Sousa, 2020), essa crença se dissemina, como o efeito de manada, no comportamento social e coletivo, bastante estudado na psicologia das massas e análise do eu, de Freud (2013).

Logo, a desinformação é um fenômeno social que enreda um cenário no qual os atores são sujeitos ativos e passivos, produtores, consumidores e propagadores desses conteúdos, os quais podem ser totalmente ou parcialmente enganosos, que se beneficiam dos espaços das mídias digitais, na ampla e rápida proporção em que um conteúdo se espalha pelas redes. O marco que desencadeou o movimento da desinformação foi as eleições de Hillary Clinton e Donald Trump, em 2016, e do Brexit, com a manipulação da opinião pública para a saída da UK da União Europeia (Broda; Strömbäck, 2024; Jardine, 2025; Paula; Silva; Blanco, 2018; Genesini, 2018; Cardoso et al., 2018). Não que a desinformação não existisse antes, bem pelo contrário, ela só não tinha a mesma amplitude que as mídias digitais proporcionaram.

Mediante ao exposto, este estudo se justifica pela relevância temática, de interesse coletivo e acadêmico, do aprofundamento sobre as relações e elementos que envolvem o cenário da desinformação. O objetivo do estudo foi o de identificar, analisá-los empiricamente por meio de dados extraídos do dataset da agência de checagem AosFatos.

2 A DESINFORMAÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO CONCEITUAL

A desinformação foi inicialmente definida como “falta de informação”,

posteriormente, passou a ser indicada como “informação distorcida”, “imprecisa”, “descontextualizada”, devido aos vários aspectos que antes não existiam, com as mídias digitais, a desinformação passou a ter um apelo, passou a ser relacionada às crenças e emoções dos indivíduo (Ançanello; Casarin, 2023).

Seguindo essa linha, Wardle e Derakshan (2017, p. 5), indicam que a desinformação permeia o campo das intenções, as quais são caracterizadas pelos autores como:

- a) Dis-information - desinformação - informação falsa que é compartilhada com a intenção de causar danos;
- b) Mis-information - informação imprecisa - quando há o compartilhamento de informações falsas, mas sem que haja a intenção de causar dano.
- c) Mal-information - Má informação - quando existe o uso e o compartilhamento de informações genuínas/verídicas para causar dano.

O Quadro 1 apresenta alguns conceitos de desinformação, no qual é possível observar que há um consenso entre autores e instituições, de que a desinformação é deliberadamente uma ação que usa de informações falsas e enganosas para causar danos.

Quadro 1 - Conceitos de Desinformação

Autor(es)	Conceito
ONU (2025)	desinformação contém conteúdo falso e tem a intenção de enganar, de causar danos sérios.
Amaral e Cardoso (2025)	A desinformação é um conjunto composto por representações (essencialmente) falsas que, de forma sistemática e escalável, desvia do seu curso normal (e, no limite, bloqueia) o processo de atualização informativa referente a uma crença de fundo.
Silva e Muriel-Torradó (2025)	A desinformação é vista como informação comprovadamente falsa ou enganosa, originada para provocar vantagens econômicas e sociais, manipular o público e causar danos à população, ameaçando processos democráticos.
Blotta e Bucci (2025)	desinformação [...] como um ambiente que desativa os sentidos informativos, éticos e estéticos da comunicação.
Educamídia (2024)	desinformação como “uma forma de agrupar outros modos de uma informação imprecisa para chegar ao leitor. Conclusões exageradas, dados fora de contexto e/ou com data errada, título ou conteúdo sensacionalista e opinião disfarçada de informação isenta são outros tipos de desinformação, muito além das <i>fake news</i> .”
Broda e Strömbäck (2024)	Desinformação, informação enganosa e notícias falsas são, portanto, importantes devido ao papel que desempenham na formação e sustentação de percepções equivocadas. Percepções equivocadas, por sua vez, impactam tanto as opiniões quanto os comportamentos das pessoas.

APA (2024)	desinformação como qualquer informação que seja comprovadamente falsa ou enganosa, independentemente de sua fonte ou intenção.
Fórum Econômico Mundial (2024)	Informação falsa persistente (intencional ou não) amplamente disseminada pelas redes de mídia, influenciando significativamente a opinião pública em direção à desconfiança em fatos e autoridades. Inclui, entre outros: conteúdo falso, impostor, manipulado e fabricado.
Ançanello e Casarin (2023)	desinformação [...] engloba diferentes contextos de informação como incompleta, distorcida, falsa, manipulada, desatualizada ou descontextualizada.
OPAS (2020)	desinformação é classificada como uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar.
Sousa e Rosa (2019)	A desinformação é caracterizada por informações falsas em parte ou em sua totalidade, disseminadas de forma a confundir ou induzir ao erro.
European Comission (2018)	A desinformação pode ser caracterizada como um fenômeno em que a informação não factual e/ou enganadora é propositalmente criada e disseminada em que a manipulação tem por objetivo a obtenção de vantagens políticas e econômicas, causando prejuízos à Democracia.
Wardle e Derakshan (2017)	Desinformação ocorre quando informações falsas são compartilhadas conscientemente para causar dano.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Mediante as definições apresentadas, a disseminação desse tipo de conteúdo tem foco e objetivo de impactar a vida das pessoas, ultrapassam os limites do respeito, civilidade, humanidade e empatia.

A desinformação desvia intencionalmente o fluxo informativo, rompendo com padrões de comunicação baseados na veracidade. Entretanto, há uma diferença entre mentira e desinformação, no qual a mentira é um ato isolado que busca criar uma falsa percepção na mente do receptor, enquanto a desinformação envolve uma construção contínua e sistemática de representações enganosas, com o objetivo de proteger de forma persistente uma crença pré-existente. Esse aspecto sistemático funciona de maneira eficaz nas funções comunicativas, tendo o objetivo de desviar o processo normal de comunicação e proteger crenças pré-estabelecidas (Amaral; Cardoso, 2025). A estratégia desinformativa envolve tanto a forma como a mensagem é construída quanto a maneira como ela é interpretada, visando impedir que evidências contrárias abalem ou gerem dúvidas sobre uma crença pré-existente no público (Amaral; Cardoso, 2025; Vasconcellos-Silva; Castiel, 2025; Wardle; Derakshan, 2017). Assim, a eficácia da desinformação irá depender de explorar vulnerabilidades específicas, sendo planejada considerando elementos do processo

de comunicação e também da forma como as pessoas interpretam as mensagens.

Os autores, Vasconcellos-Silva e Castiel (2025), apontam a necessidade do aprofundamento de estudos sobre o fenômeno da desinformação, na ótica da psicanálise, psicologia, antropologia e sociologia, buscando entender as motivações dos sujeitos que criam, dos que compartilham, para os que consomem desinformação, a fim de compreender melhor o fenômeno e traçar meios de mitigar tais práticas.

Amaral e Cardoso (2025, p. 11), apresentam os pontos principais de desinformação como funções semiótico-comunicacionais básicas, separadas em cinco fases:

- a) captura da atenção;
- b) manutenção da atenção/engajamento;
- c) orientação do processo interpretativo;
- d) formação, uso ou fixação de conceitos (também chamados de “estruturas conceituais”);
- e) formação, uso ou fixação de crenças.

Conforme o exposto, a desinformação desencadeia no sujeito vários sentimentos, explora a crença, vulnerabilidade, o ressentimento, inseguranças, nutre o ódio, a segregação, e isso tudo reverbera nas ações dos sujeitos, como a negação da ciência, de fatos comprovados, no discurso contraditório com suas próprias crenças (Broda; Strömbäck, 2024; Wardle; Derakshan, 2017).

O modelo abordado por Amaral e Cardoso (2025, p. 17), apresenta uma teoria semiótica-cognitiva da disseminação de desinformação dividida em três níveis:

- a) Primeiro - nível individual - que é o próprio receptor/intérprete das mensagens/signos da estratégia desinformativa;
- b) Segundo - nível social imediato - do receptor/intérprete;
- c) Terceiro - nível macro - a sociedade como todo.

Cada um dos níveis apresentados pelas autoras tem potencial para causar algum tipo de “risco”, seja um único indivíduo ou para um coletivo. No contexto a nível macro, as redes são usadas como vetores para a amplificação da desinformação, onde mistura o que é verdadeiro com o falso causando uma desordem informacional, dificultando a análise e discernimento do que é correto para o que é enganoso.

A desinformação permeia vários contextos, na qual a informação falsa ou enganosa é

o meio usado para cooptar o sujeito, no qual a intenção oculta é o elemento central da ação.

3 CONTEXTOS DA DESINFORMAÇÃO

A discussão sobre os impactos da desinformação nas democracias destaca sua dependência do livre e aberto fluxo de informações (Jardine, 2025). Nesse cenário, evidencia-se uma contradição: enquanto os governos enfrentam limitações legais para restringir conteúdos, grandes empresas de tecnologia como Meta, X e Google, detêm maior capacidade de controle informacional, mas frequentemente se abstém de exercer esse poder de forma eficaz.

O fenômeno da desinformação deve ser entendido como um cenário de “sabotagem do poder comunicativo de veículos de imprensa e de instituições científicas e de informação pública consolidadas”, utilizando como principal contribuinte as plataformas digitais que, segundo os autores, dão preferência para disseminar conteúdos que desinformam (Blotta; Bucci, 2025, p. 5). Quando uma cultura política marcada pela exclusão e desigualdade ao ser combinada com uma lógica desinformativa hostil ao pensamento crítico e ao equilíbrio, especialmente em uma sociedade atravessada por estruturas classistas, machistas e racistas, forma-se uma aliança perversa e destrutiva (Blotta; Bucci, 2025).

Nesse contexto, não é possível adentrar no tópico da desinformação sem contextualizar as agências de checagem e o serviço que elas prestam. De acordo com o coletivo de checagem (Educamídia, 2024), as agências de checagem são responsáveis pela verificação de informações e declarações, especialmente quando essas informações são de cunho político ou de autoridades. Vosoughi; Roy e Aral (2018) ampliam o debate quando revelam que a desinformação é propagada num nível ainda maior e mais rápido que a informação, e mesmo com os fact-checking dando conta de boa parte das desinformações, elas não superam o volume massivo da audiência que a desinformação atinge.

A percepção sobre a desinformação se consolida, portanto, como um dos principais pontos de alerta da sociedade contemporânea, pois é impulsionada pela ampla disseminação nas redes sociais e plataformas digitais, o que representa um desafio crescente para todos os cidadãos. “O ambiente digital trouxe mudanças fundamentais na forma como a informação é produzida, comunicada e distribuída” (Silva, 2024, p. 64).

O Fórum Econômico Mundial (2024), cita que nos próximos dois anos (2026) a

desinformação e misinformação podem minar a legitimidade de governos e resultar em protestos violentos, crimes de ódio, confrontos civis e terrorismo. Superando eventos climáticos extremos, polarização social e ataques cibernéticos; e em dez anos (2034) a desinformação e misinformação se encontra em quinto lugar no top das preocupações mundiais, logo abaixo de: Eventos climáticos extremos; Mudanças críticas nos sistemas da Terra; Perda de biodiversidade e colapso dos ecossistemas; Escassez de recursos naturais.

A desinformação compromete não só a confiança nas fontes oficiais, mas dificulta a formulação de políticas públicas e pode agravar tensões sociais já existentes. Levantando questões que vão desde a saúde pública à justiça social (Broda; Strömbäck, 2024).

O relatório do Fórum Econômico Mundial (2024), alerta para os riscos eminentes, que se aproximam com os processos eleitorais em diversos países:

a) A desinformação e a informação falsa podem interromper radicalmente os processos eleitorais em diversas economias nos próximos dois anos;

b) A crescente desconfiança na informação, bem como na mídia e nos governos como fontes, aprofundará visões polarizadas – um ciclo vicioso que pode desencadear distúrbios civis e, possivelmente, confrontos;

c) Há risco de repressão e erosão de direitos à medida que as autoridades buscam reprimir a proliferação de informações falsas – bem como riscos decorrentes da inação.

Como foi explicitado, a desinformação é um problema e preocupação global, uma vez que afeta, em todas as esferas, a vida das pessoas, “abre um ambiente de destruição de sentido, ou “poluição cognitiva”, muitas vezes com disseminação viral e alcance planetário, pois se faz a partir das mídias sociais” (Blotta; Bucci, 2025, p. 7), algumas com danos irreparáveis.

Trazendo para a realidade nacional, onde lidar com notícias falsas é parte do cotidiano brasileiro, a pandemia da Covid-19 evidenciou como a desinformação pode comprometer até mesmo a saúde pública, são inúmeros danos causados à sociedade, das “verdades alternativas”, do comportamento em rebanho, do culto ao ódio ao diferente (Vasconcellos-Silva; Castiel, 2025).

O governo do ex-presidente Jair Bolsonaro adotou posturas contrárias às orientações da Organização Mundial da Saúde, que recomendava o isolamento social e outras medidas de prevenção à disseminação do Coronavírus (Ferreira, 2024). A propagação de informações

sem respaldo científico, por parte do chefe de Estado, incentivou seus apoiadores a reproduzirem esse discurso negacionista, contribuindo para que se tornassem disseminadores de desinformação em um momento de calamidade pública. Situação que ainda reverbera na sociedade, como a situação da imunização de crianças no primeiro ano de vida, que caiu de 95% para 60% (Instituto Butantan, 2024); “a desinformação deixou graves sequelas na sociedade brasileira, que ainda impactam os serviços de saúde básicos e as pessoas por eles assistidas” (Araújo; Fachin; Araújo, 2025).

Os disseminadores de desinformação consistem tanto em personalidades reais como virtuais. As personalidades reais podem ser influencers, políticos, agentes públicos ou até mesmo uma pessoa com relevância local, que não necessariamente possuem fama. No universo virtual, há um grande número de perfis falsos através de bots, que atuam em rede mediante publicações e disparos em massa (Ferreira, 2024). Essas personalidades possuem um papel crucial no mecanismo de disseminação, pois a propagação de uma mensagem é mais efetiva quando vinda de pessoas conhecidas pelo indivíduo ou com as quais se identificam (Boarini; Ferrari, 2021).

Em contraponto, Broda e Strömbäck (2024) indicam que “cidadãos bem informados” são mais adeptos para aceitar regras e princípios mais democráticos, agindo com tolerância, com interesse em assuntos coletivos e políticos, buscando se atualizar e entender questões urgentes, procuram analisar e contrapor entre conteúdos fidedignos dos enganosos.

A desinformação é o processo do uso de narrativa para o convencimento de algo, o qual utiliza de conteúdo fabricado, mas que podem conter partes de conteúdos verdadeiros, é um jogo com palavras, ideias, estudos e representações que desencadeia uma comoção rápida, viral, que por si só pode ser amplamente disseminada nas mídias e chegar ao maior número de pessoas possível, por isso ela tem poder de ser amplamente prejudicial.

4 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como exploratório, de natureza qualitativa e bibliográfica, com a aplicação da revisão de literatura narrativa. A aplicação do estudo exploratório tem o objetivo de explorar, testar para entender algo, analisar possíveis variáveis de uma temática (Köche, 2011), junto ao enfoque de aplicação qualitativa, os achados são apresentados, descritos, caracterizados, por meio da técnica de reflexão e

debate ao entorno das descobertas (Flick, 2009).

A revisão de literatura narrativa visa obter materiais atuais que apresentam uma visão atual do tema, encontrar lacunas, que não requer um alto rigor sistemático (Grant; Booth, 2009).

Quanto aos procedimentos metodológicos. Para a revisão de literatura, os termos empregados no Google Scholar foram: ‘Desinformação’ e ‘Disseminação de Desinformação’, recuperando um conjunto de textos em português e inglês. Para a seleção da amostra dos textos a serem usados, foi feita a checagem de quais tratavam da temática, obtendo um quantitativo de 35 documentos. Os textos obtidos por meio da revisão de literatura narrativa, serviu de aporte teórico científico para a fundamentação e o debate discursivo.

Os dados apresentados neste estudo foram obtidos do Dataset do projeto “Checagem da Disseminação de Desinformação e Fake News” (Fachin; Gengnagel, 2025), dispostos em acesso aberto no Zenodo. Os conteúdos checados pela agência AosFatos, do dataset obtido, foram analisados e representados por meio de gráficos, os quais se encontram dispostos na seção Desinformação checada: AosFatos.

Para a representação dos dados em gráficos, foram consideradas as seguintes categorias do dataset: assuntos (classificação manual); assunto (classificação da agência de checagem); data; tipo de informação; tipo de artigo; e autor do artigo (checagem). A partir dessas categorias, foram realizadas as filtragens e segmentações específicas, com base nos números e assuntos observados.

Inicialmente, foram elaborados os recortes baseados nos anos, entretanto, verificou-se que a representação dos dados se tornava mais clara quando o recorte era feito por mês, pois essa especificidade permitiu contextualizar os acontecimentos que motivaram os conteúdos analisados nos artigos de checagem, identificando em quais meses houveram aumento na publicação de artigos de checagem e qual foi o tipo de desinformação mais recorrente, considerando que a agência de checagem estudada, classifica os artigos em três categorias: “Fake”; “Não é bem assim”; e “Não identificado”. Nesta última categoria, incluem-se artigos em que não há identificação sobre o tipo de desinformação.

Além da classificação por tipo de desinformação, foram adotados dois recortes temáticos adicionais: a classificação por assunto feita manualmente pelo grupo de

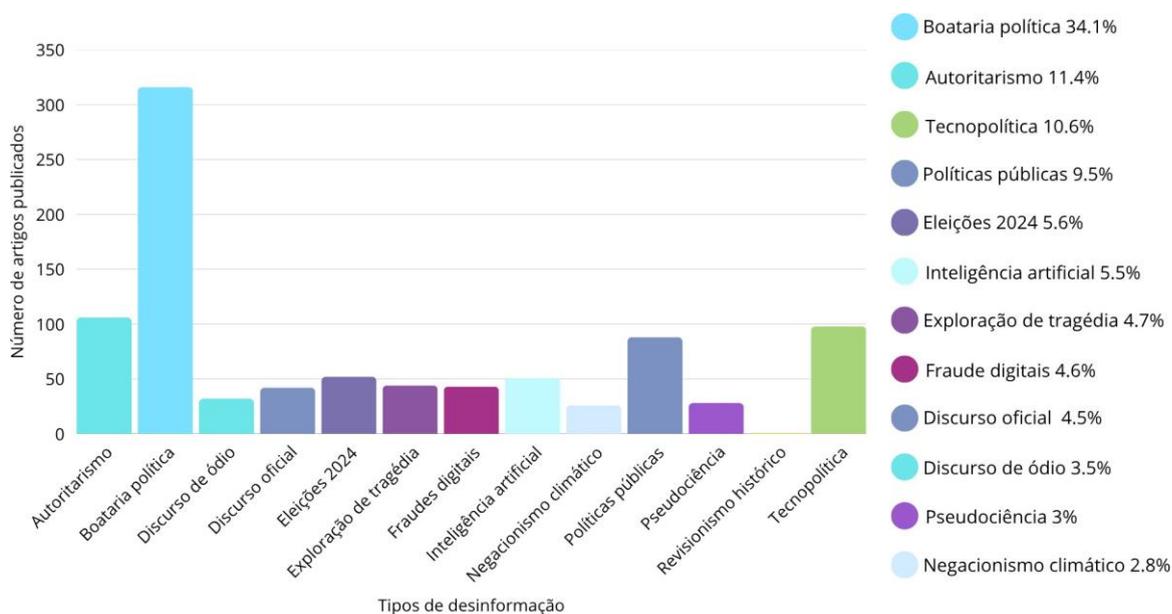
pesquisadores, que considerou os principais temas abordados em cada artigo; e a classificação por assunto atribuída pela própria agência de checagem, encontradas nas informações de cada artigo. Esses dois recortes possibilitaram uma análise de conteúdo mais detalhada.

Assim, após a definição do recorte considerado mais eficiente, os gráficos foram confeccionados no software de edição de imagem Canva, permitindo ajustes visuais e diagramação adequada, com o objetivo de garantir uma apresentação clara e alinhada ao objetivo do estudo.

5 DESINFORMAÇÃO CHECADA: ANÁLISE DOS DADOS DA AGÊNCIA AOSFATOS

Nessa seção são apresentados os dados do estudos, obtidos do dataset da agência AosFatos, obtidos por Fachin e Gengnagel (2025). Esses dados apresentam as características da desinformação no Brasil, como ano e o pico de disseminação de desinformação nas mídias digitais, as temáticas e assuntos relacionados. Cabe ressaltar que as agências de checagem focam nos conteúdos virais, pela proporção de disseminação, e que nem toda desinformação consegue ser checada pelas agências. Pretendeu-se observar com esses dados, os elementos que constituem a desinformação que circula nas redes da web, do público brasileiro. Os dados estão apresentados nos gráficos: 1, 2, 3 e 4.

Gráfico 1 - Classificação de assuntos da agência de checagem

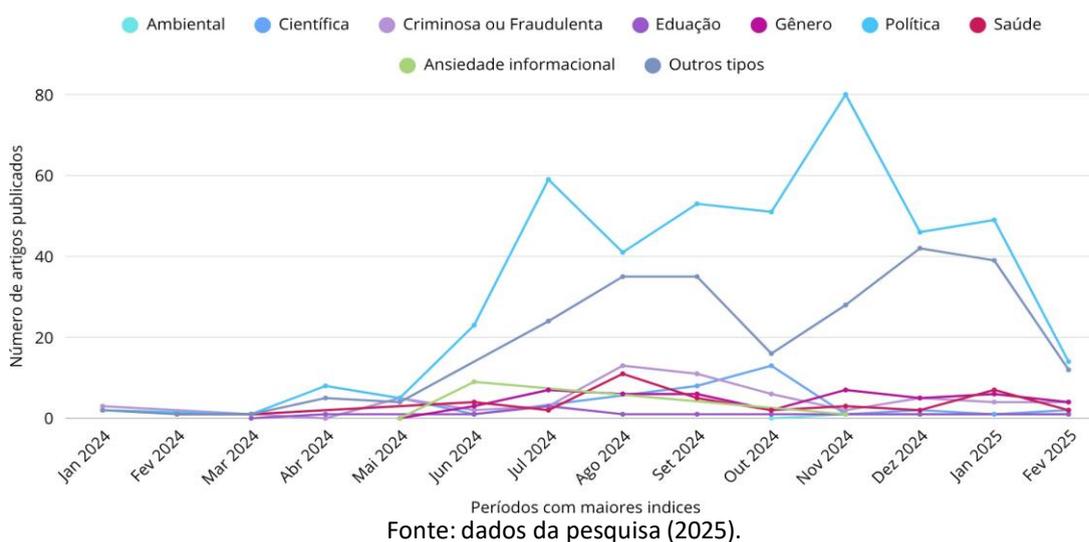


Fonte: dados da pesquisa (2025).

O Gráfico 1 apresenta os dados da classificação de assuntos, que foram identificados pelos especialistas da agência AosFatos.

Nos Gráficos 1 e 2, é possível perceber que, da amostra obtida do dataset da agência brasileira AosFatos, os conteúdos classificados como de boataria política, autoritarismo, tecnopolítica, políticas públicas, são os temas mais recorrentes. A recorrência das várias temáticas sobre política podem estar relacionadas ao período da pandemia do Covid19 e das eleições de 2022, o que é coerente com a vertente do movimento da desinformação, no cenário mundial.

Gráfico 2 - Análise de assuntos (classificação manual) de 2024-2025



O Gráfico 2 apresenta o pico das temáticas checadas pela agência AosFatos, dos conteúdos virais de janeiro de 2024 a fevereiro de 2025. Nesse cenário as temáticas de política continua sendo o destaque, intensificado especialmente a partir da disputa eleitoral de 2018, na qual, mais do que em qualquer outra eleição da história democrática do país, notícias falsas passaram a ser utilizadas como tática eleitoral de largo alcance, impulsionadas pelo uso massivo das redes sociais (Rodrigues; Bonone; Mielli, 2020).

Empoli (2022), no seu livro “engenheiros do caos”, apresenta as ações dos bastidores políticos para obter predominância da narrativa mesmo que seja por meio do uso de fake news e desinformação, é uma guerra onde a informação se torna uma arma letal contra os adversários.

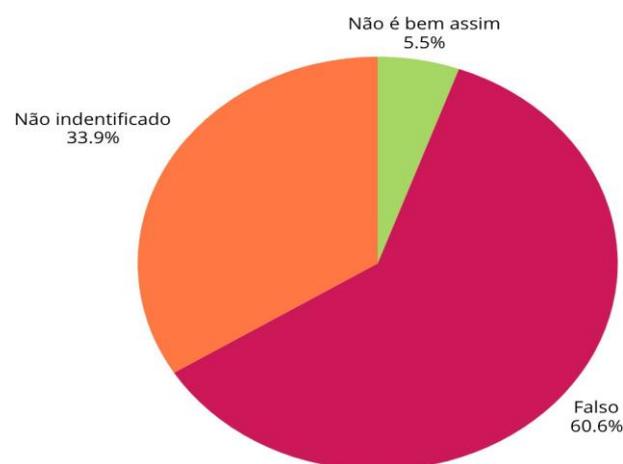
Kalil (2018) e Korybko (2018), em ambos os estudos, os autores enfatizam que o uso

da desinformação é uma estratégia bastante utilizada pela política extremista, que emprega as táticas da guerra híbrida, a qual cria discursos distintos para cada segmento da sociedade, a fim de causar segregação, revolta, inimigos, são discursos contraditórios, confusos, mas que atende aos anseios de sujeitos ávidos pelo desejo de pertencimento, cada grupo vai acreditar naquilo que lhe convém e vai se abster do resto, o fenômeno ficou conhecido como pós-verdade.

Este tipo de conteúdo está atrelado aos conflitos de poder, a criação e disseminação de desinformação depende do que está em jogo, dos interesses dos que, de alguma forma, se beneficiam com a prática.

No gráfico 3 é possível verificar as classificações dos conteúdos de desinformação, analisados e creditados pela agência AosFatos.

Gráfico 3 - Quantidade de fake news/desinformação encontradas



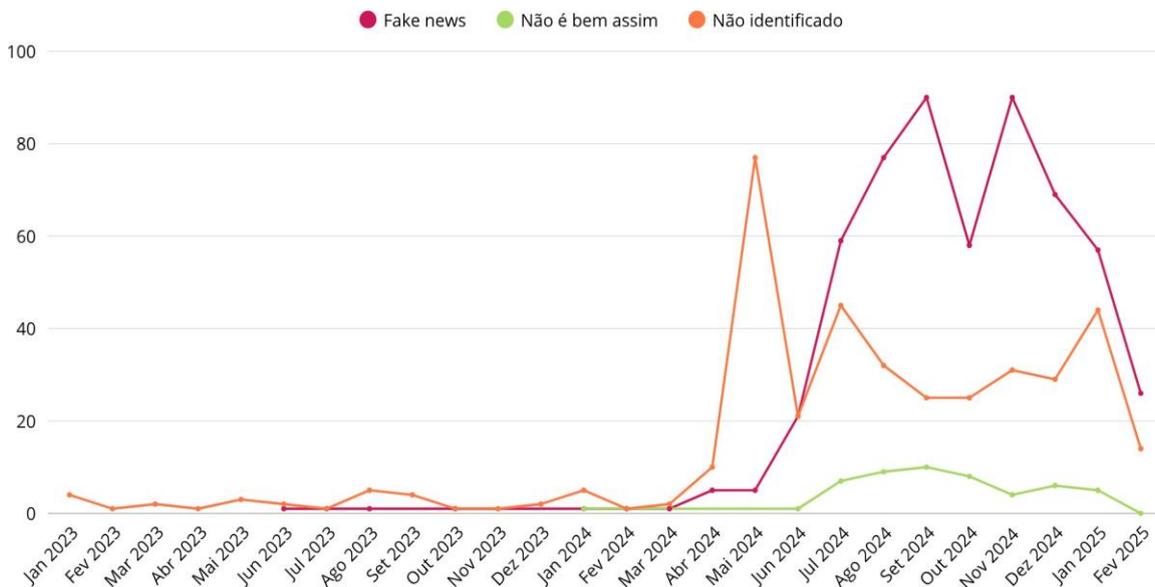
Fonte: dados da pesquisa (2025).

É possível perceber, na amostra analisada, que os conteúdos falsos são predominantes e que uma parcela menor apresenta conteúdos que contém parcialmente algum tipo de desinformação e informação enganosa, seja tendenciosa ou não. Cabe lembrar que não são todos os conteúdos que são checados, apenas os virais, aquelas com baixa adesão, menos compartilhamento, acabam por não passar pela checagem, principalmente nas mídias digitais que lucram e muito com o engajamento desse tipo de conteúdo.

Na declaração, a APA (2024) indica que os conteúdos com desinformação “representam de 0,2% a 29% do consumo total de notícias, mas a proporção pode ser maior

para grupos específicos ou para tópicos como saúde" (APA, 2024). É um cenário preocupante, já que uma boa parcela do conteúdo que permeia as redes é ou contém algum tipo de desinformação.

Gráfico 4 - Análise de desinformação/fake news nos anos de 2023-2025



Fonte: dados da pesquisa (2025).

O Gráfico 4 apresenta a evolução temporal da desinformação no período de janeiro de 2023 a fevereiro de 2025, o qual indica um aumento significativo da disseminação de fake news ou informação falsa no ano de 2024, entrando em queda no início de 2025. Se relacionarmos o tipo de desinformações com as temáticas (expostas no Gráfico 2), é possível inferir que esse tipo de desinformação está relacionada ao cenário político, que oscila entre período de eleições e pautas que geram amplos conflitos no congresso brasileiro, e com isso, surgem as infodemias, enxurradas de desinformação para monopolizar a narrativa e ganhar apoio popular. Para entender melhor o enfoque dessas desinformações políticas, compartilhadas em 2024, seria necessário aplicar uma análise de conteúdo e identificar quais foram as pautas que geraram essa “guerra” virtual de retórica ao entorno da política brasileira.

Outro ponto a ser considerado é de que, durante o ano de 2023 foi observado um baixo número de conteúdos verificados em todas as categorias, com destaque apenas para alguns picos pontuais na categoria “Não identificado”, relacionada a artigos em que não há clareza quanto ao tipo de desinformação. As classificações “Fake news” e “Não é bem

assim” praticamente não aparecem, indicando um volume menor de conteúdos verificados nessas categorias durante esse período.

A partir de 2024, nota-se dois picos significativos de aumento no número de “Fake news”, nos meses de setembro e novembro, ambos chegando a 90 artigos checados. No mesmo período, destaca-se também um crescimento significativo da categoria “Não identificado”, com pico de cerca de 77 artigos checados em maio, oscilando, até fevereiro de 2025, entre 14 a 45 artigos checados por mês.

Os dados do gráfico evidenciam que a disseminação da desinformação ocorre de forma recorrente e intensificada em momentos de maior destaque midiático ou social, sendo frequentemente mobilizada conforme os interesses políticos e disputas narrativas.

Visto a necessidade de combater esse tipo de cenário, a Associação Americana de Psicologia publicou uma declaração com recomendações, a qual se baseia em estudos e evidências científicas que buscam entender sobre, “como e por que a desinformação se espalha, como ela afeta o comportamento e a melhor forma de combatê-la” (APA, 2024). Essa abordagem evidencia que o combate à desinformação exige não apenas ações técnicas de verificação, mas também a compreensão de fatores cognitivos e comportamentais que favorecem sua circulação e impacto social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, é possível perceber a desinformação como um esfacelamento social, quando esta ameaça a vida, “A vida comum, a vida partilhada se perde. [...]. A desinformação embaralha as infovias e as desagrega” (Blotta; Bucci, 2025, p. 7-8).

Jardine (2025), vê a desinformação como uma das principais ruínas da democracia, visto que a mesma depende do compartilhamento aberto e livre da informação. Além de esgarçar instituições democráticas, a desinformação alimenta intolerâncias, conforme Vasconcellos-Silva e Castiel (2025) sinalizam que as câmaras que ecoam ódio, intolerância, xenofobia, racismo, misoginia e homofobia têm raízes na desinformação propagadas nas mídias sociais, um movimento marcado pela “Idade Mídia”, com o uso e desuso das redes sociais para tudo, principalmente para disseminar opiniões desrespeitosas.

Fenômeno que se configura no contexto da desinformação, percebido no estudo e no

comportamento do usuário em relação à desinformação, os quais "oferecem e consomem cosmovisões, perspectivas alinhadas às suas sobre as coisas do mundo [...]. Aversão e ódio engendram mentiras, engajamento e lucros" (Vasconcellos-Silva; Castiel, 2025, p. 8).

As redes são amplificadores de sistemas mobilizadores de grupos, usados como meio para fomentar a segregação, a famosa frase "dividir para conquistar" representa bem o cenário da desinformação, onde a guerra de interesses, de alguns, fraciona a sociedade e manipula grupos, pondo uns contra os outros, impedindo qualquer possibilidade de união e luta em prol do bem coletivo.

As redes digitais da mentira, como parteiras, aguardam as contraturas de momentos traumáticos pelo pânico e comoção pública. Não geraram o rancor nem conceberam a mentira, embora tivessem sido projetadas para destilar ressentimentos à espera da trágica irrupção da violência. (Vasconcellos-Silva; Castiel, 2025, p. 8).

Porque o ódio atrai tanto engajamento? A resposta é, pela necessidade social da existência do "bem" e do "mal", esses elementos fazem com haja um inimigo a ser combatido ferozmente; e, pelo desejo de pertencimento, em que, sujeitos se veem na validação do outro, no coletivo, o reflexo de si mesmo, seja no pensamento, nas ações e atitude. Freud (2013), em "psicologia das massas e análise do eu" explica como o comportamento individual é afetado pelo comportamento em grupo; tem relação com a identificação, e inconscientemente a submissão, no chamado "efeito manada".

A guerra híbrida é uma estratégia que usa de recursos, táticas e do conhecimento da psicologia para gerar conflitos, manipular grupos e desestabilizar o oponente, entre as várias possibilidades o uso da desinformação tem sido sutil e recorrente, porém bastante eficaz.

Apesar da desinformação causar danos quase irreversíveis ao tecido social, "Combater a desinformação exige investimento duradouro na construção de resiliência social e alfabetização midiática e informacional" (ONU, 2025), a educação passa a ser um caminho, no qual o sujeito ganha autonomia para avaliar a credibilidade de um conteúdo na web.

Deste modo, concluímos esse estudo com um sinal de alerta. Ao analisarmos os dados da plataforma de checagem AosFatos, com a verificação de termos relacionados à política, em alta nos últimos anos, verificamos que há um risco iminente à democracia se não houver ações mais efetivas na formação crítica e, por conseguinte na responsabilização dos criadores, propagadores e das plataformas que disseminam desinformação, sob pena das

mesmas continuarem a lucrar com o terror coletivo, colocando em risco o debate público, social, ambiental, econômico etc., fragilizando cada vez mais as instituições democráticas. Nesse sentido, acreditamos que é preciso investir na capacitação, educação midiática e no letramento digital coletivo (OCHS, 2024).

É preciso estudar mais os elementos e as motivações ao entorno da desinformação, e principalmente, debater massivamente sobre políticas para investigar, identificar e punir quem usa desses recursos para causar danos ou obter benefício com a prática.

REFERÊNCIAS

AMARAL, G. R.; CARDOSO, T. Uma abordagem semiótico-cognitiva do fenômeno da desinformação. *Esferas*, [S.l.], v.1, n. 32. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i32.15505> Acesso em: 13 jul. 2025.

ANÇANELLO, J. V.; CASARIN, H. de C. S. Contribuições dos frameworks DigComp e MIL para combate às fake news e à desinformação. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 21, p.e023013, 2023. Disponível em: DOI: 10.20396/rdbci.v21i00.8671533. Acesso em: 13 jul. 2025.

APA. American Psychological Association. **Using psychology to understand and fight health misinformation**: An APA consensus statement. APA, mar. 2024. Disponível em: <https://www.apa.org/topics/journalism-facts/misinformation-disinformation> Acesso em: 02 jul. 2025.

ARAÚJO, N.C. FACHIN, J. ARAÚJO, R.F. Fake news e desinformação em saúde no Brasil. *ASKLEPION: Informação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 1-21, e-108, jan./jul., 2025. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.21728/asklepion.2025v4n1e-108> Acesso em: 13 jul. 2025.

BLOTTA, V.; BUCCI, E. Desinformação, democracia e regulação. *Estudos Avançados*, [S.l.], v. 39, n. 113, mar. 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/HbHwnZThmzZSCKvMTKN9nxp/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

BOARINI, M.; FERRARI, P. A desinformação é o parasita do século XXI. *Organicom*, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 37–47, 2021. Disponível em: DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549. Acesso em: 16 jul. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. **Maioria dos municípios brasileiros não atingiu a meta decobertura para vacinas do calendário infantil em 2023. 2024**. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/maioria-dos-municipios-brasileiros-nao-atingiu-a-meta-de-cobertura-para-vacinas-do-calendario-infantil-em-2023>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRODA, E.; STRÖMBÄCK, J. Misinformation, Disinformation, and Fake News: Lessons from an Interdisciplinary, Systematic Literature Review. **Annals of the International Communication Association**, [S.l.], v.48, n.2, p.139–166, jun., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23808985.2024.2323736> Acesso em: 13 jul. 2025.

CARDOSO, G.; BALDI, V.; PAIS, P.; PAISANA, M.; QUINTANILHA, T.; COURACEIRO, P. As Fake News numa sociedade pós-verdade Contextualização, potenciais soluções e análise. **Relatório Obercom**, 2018. Disponível em: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/06/2018-Relato-rios-Obercom-Fake-News.pdf> Acesso em: 13 jul. 2025.

EDUCAMÍDIA. **Coletivo de checagem: #FAKETOFORA**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024. Disponível em: <https://faketofora.org.br/wp-content/uploads/2024/04/2024coletivo-de-checagem-24.03.25.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2025.

EUROPEAN COMMISSION. A multi-dimensional approach to disinformation. Report of the Independent High level Group on Fake News and Online Disinformation. Luxemburg: Publications Office of the European Union, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/3Ezyxi4>. Acesso em: 18 jul. 2025.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2022.

FACHIN, J.; GENGNAGEL, J. C. Desinformação: AosFatos [Conjunto de dados]. **Zenodo**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15548619> Acesso em: 13 jul. 2025.

FACHIN, J.; ARAÚJO, N. C.; SOUSA, J. C.. Credibilidade de informações em tempos de COVID-19. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Colombia, v.43, n.3, eRf3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.rib.v43n3eRf3> Acesso em: 05 jul. 2025.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERREIRA, J. (Org.). **Mediatizações sul e norte: perspectivas epistemológicas e empíricas no Brasil e na Suécia**. Porto Alegre: Sulina, 2024.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

GRANT, M. J.; BOOTH, A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information and Libraries Journal**, v.26, p.91–108, 2009. Disponível em: DOI: 10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x Acesso em: 07 jul. 2025.

GENESINI, S. A Pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, v. 116, p. 45-58, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p45-58> Acesso em: 13 jul. 2025.

JARDINE, E. **Beware fake news**. Centre for International Governance Innovation. Disponível em: https://www.cigionline.org/articles/beware-fake-news/?utm_source=google_ads&utm_medium

m=grant&gad_source=1&gclid=Cj0KCCQiAr7C6BhDRARIsAOUKifjhcWICQ3S3vRbsyCPF Rfl-a-ENy9VBbrFSAbXmL8GXau2btc83HIAaAk6GEALw_wcB. Acesso em: 02 jul. 2025.

KALIL, I. O. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica**: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

KORYBKO, A. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ONU. United Nations. **Countering Disinformation**. 2025. Disponível em: <https://www.un.org/en/countering-disinformation> Acesso em: 02 jul. 2025.

OPAS. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19**. OPAS: Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde, 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=3. Acesso em: 13 jul. 2025.

PAULA, L. T.; SILVA, T. R. S.; BLANCO, Y. A. Pós-verdade e Fontes de Informação: um estudo sobre fake News. **Revista Conhecimento em Ação**, [S.l.], v.3, n.1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764> Acesso em: 23 jul. 2025.

RODRIGUES, T. C. M.; BONONE, L. M.; MIELLI, R.. Desinformação e crise da democracia no Brasil: é possível regular fake news? Confluências – **Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, [S.l.], v. 22, n. 3, p. 30-52, dez. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/359629349>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SILVA, G. R. **Desinformação, misinformação e distorção involuntária**: a ideia do “apagão das canetas” na imprensa e a repercussão no Congresso Nacional. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/52236/1/2024_GuilhermeRochaDaSilva_DISSERT.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

SILVA, J. E. da.; MURIEL-TORRADO, E. Soluções para enfrentar e combater a desinformação: propostas na literatura científica da Web of Science. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 37, e2510287, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202537e2510287> Acesso em: 13 jul. 2025.

SOUSA, A. M.; ROSA, L. P. Fake news na ciência: contribuição teórica para o universo conceitual da informação, desinformação e hiperinformação. **Revista Scientiarum Historia**, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 9. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.51919/revista_sh.v2i0.98. Acesso em: 02 jul. 2025.

TEIXEIRA, J. F.; PORTELA, C. C.; ALENCAR, M. T. Letramento midiático em desertos de notícias: manual de checagem contra desinformação em Itaueira (PI). **Revista Eco-Pós**, [S.l.],

v.28, n.1, p. 306–331, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28441>
Acesso em: 04 jul. 2025.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. Câmaras que ecoam ódio, bolhas que destilam medo: constituição do Eu e intolerância como raízes da desinformação. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 30, n. 04, p. e10492023, abr., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232025304.10492023>. Acesso em: 06 jul. 2025.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S.. The spread of true and false news online. **Science**, [S.l.], v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 9 mar. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1126/science.aap9559>. Acesso em: 13 jul. 2025.

WARDLE, C.; DERAKSHAN, H. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe, Sep. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c> Acesso em: 03 jul. 2025.

WORD ECONOMIC FORUM. **The Global Risks Report 2024**. Cologny/Geneva Switzerland: World Economic, 2024. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Global_Risks_Report_2024.pdf Acesso em: 10 jul. 2025.